



O AMADORISMO COMO FORMA DE AFASTAR OS TRABALHADORES DOS JOGOS OLÍMPICOS (1894-1912)¹

Sérgio Settani Giglio²

RESUMO

A proposta deste trabalho é discutir como o Comitê Olímpico Internacional (COI) procurou afastar os trabalhadores da participação nos Jogos Olímpicos. Para isso, utilizou a busca pela definição de amadorismo como forma de segregar os trabalhadores dessa competição. Foi realizada uma pesquisa documental no acervo do COI (1894-1912). Como resultado da pesquisa conclui-se que na busca pela definição do amadorismo estava presente a ideia de pureza (aristocracia) em oposição ao impuro (trabalhadores).

PALAVRAS-CHAVE: Amadorismo; Trabalhadores; Jogos Olímpicos.

1 INTRODUÇÃO

Durante um pouco mais de meio século o tema central do debate no movimento olímpico idealizado, especialmente, pelo Barão Pierre de Coubertin, foi o amadorismo. De 1894 até o final de 1960 esse foi o grande tema a ser discutido. Após o final da década de 1960, o tema continuou em pauta, mas sem a força de outrora. Perdia espaço naquele momento para as discussões em torno do doping.

O foco desse trabalho é investigar os anos iniciais do movimento olímpico (1894-1912) e como o tema do amadorismo se solidificou dentro do próprio movimento para, a partir desse entendimento, investigar como o amadorismo funcionou como um mecanismo de afastamento dos trabalhadores dos Jogos Olímpicos.

Foi durante o primeiro Congresso (1894) que ficou decidida a criação do Comitê Olímpico Internacional e que o Congresso deveria ser apenas organizador e não propor regras. Nesse sentido de organizador ficou decidido que a primeira edição seria em 1896 e houve a indicação de Atenas como sede. Havia dois pontos a ser considerados: um interesse de Londres em sediar a primeira edição e pelo fato de Atenas não se localizar no centro da Europa.

A menção a condição de atleta amador foi feita por M. Robert ressaltou que somente amadores, com exceção da esgrima. Outro participante da reunião, M. Massin, considerava muito ampla a denominação de amador enquanto M. Raoul Duval se posicionava a favor da presença dos profissionais e citava como ponto a favor dessa condição o beisebol nos Estados Unidos que já era praticado por profissionais.

¹ Pesquisa financiada pela FAPESP, processo.

² Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sergio@fef.unicamp.br

Porém, um nome importante da instituição esportiva que se formava era contra a presença dos profissionais. Pierre de Coubertin juntamente com outros membros se posicionaram contra a presença dos profissionais sendo, portanto, a favor somente dos amadores. A votação definiu uma única exceção quanto a condição amadora, a esgrima, e para os demais esportes deveria ser cumprida essa regra: somente destinada aos amadores³.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho é fruto de uma análise documental a partir da intersecção de diversas fontes - os Boletins Olímpicos do COI e as atas das reuniões do COI (1894-1912) - com a literatura especializada sobre o assunto, especialmente a partir dos argumentos de Mary Douglas (1966). O recorte temporal desse texto contempla a criação do COI até os Jogos de Estocolmo (1912) quando houve por parte do COI um questionamento explícito para retirar o futebol do programa olímpico pelo fato da modalidade possuir muitos trabalhadores como praticantes.

Corroboro com Aróstegui (2006, p. 490) quando afirma que a “crítica das fontes” na *análise documental* deve partir da ideia de “depuração da informação”. E, conforme completa Bloch (2001), as fontes podem ser imprecisas e passíveis de crítica. Desse modo, o ponto de partida foi entender como, por meio da exclusão dos trabalhadores dos Jogos Olímpicos, estabelecia-se dentro do movimento olímpico a clara distinção entre o puro (aristocracia) e o impuro (trabalhadores).

3 DESCRIÇÕES, RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES...

Um discurso proferido pelo barão Pierre de Coubertin na conferência da Sociedade Parnasse de Atenas afirmava que o lucro introduzido na filosofia do esporte o degradava a cada ano e tomava como exemplo o atletismo que o comparava sua decadência com o degradante circo romano⁴. A degradação apontava para a presença dos trabalhadores em alguns esportes que faziam do esporte um meio de sustento de vida e não uma filosofia amadora conforme o COI anunciava.

Em um informe oficial de 1896 sobre os Jogos Olímpicos Modernos, texto não assinado mas atribuído a Coubertin, aparecem dois elementos que serão fundamentais para entender a postura do mandatário dos Jogos Olímpicos acerca de suas convicções. Em seu texto reforça sua análise sobre o atletismo e diz que para evitar sua degeneração e sua morte pela segunda vez seria necessário unificá-lo e purificá-lo. Sua ação concreta para unificar e purificar não somente o atletismo, mas todos os esportes foi criar competições periódicas. Em outras palavras, seria preciso restaurar os Jogos Olímpicos (MÜLLER, 2015).

Outra referência sobre a unificação e purificação também aparece no mesmo documento de 1896, quando Coubertin fala exatamente da primeira edição olímpica, porém naquele momento não se referiu ao atletismo, mas ao esporte moderno. Em suas palavras: “O esporte moderno precisa ser unificado e purificado. [...] nem

3 Procès-Verbal, 1a Session, Paris 1894.

4 L' Athlétisme dans le monde moderne et les Jeux Olympiques. **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 3, janeiro de 1895, p. 4.

sequer é possível chegar a um acordo sobre quem é amador e quem não. [...]. Com esse deplorável estado de coisas, o profissionalismo tende a crescer rapidamente.” (MÜLLER, 2015, p. 352).

A ideia de manter o esporte purificado, embora não apareça de modo explícito uma referência aos trabalhadores, as definições buscavam atingi-los. Por exemplo, o remo era um dos esportes em que a restrição aos trabalhadores, especialmente aos trabalhadores manuais, era explícita. Em 1882, os trabalhadores manuais eram proibidos de participar das regatas de acordo com o regulamento vigente (WAGG, 2006). A justificativa era a de que possuiriam uma vantagem “não natural e injusta” em relação aos cavalheiros (VINCENT, 2002), mas tal fato era infundado (WIGGLESWORTH, 1986) e fornecia espaço para diferenciar os praticantes. E, por meio dessa diferenciação, pontuava-se quem era puro, detentor de qualidades naturais – os aristocratas – em oposição ao impuro – os trabalhadores manuais – que tirariam proveito de seu trabalho manual para vencer as provas.

O editor do Almanaque do Remo (1897), afirmava que havia uma tendência para eliminar em algumas províncias que negligenciavam a questão do amadorismo no remo de modo a não colocá-lo no mesmo patamar do atletismo, ciclismo e futebol. Completava ainda que o amadorismo no Remo se mantinha porque os trabalhadores manuais estavam banidos e que não houve, por parte da Associação Nacional de Remo Amador qualquer solicitação de flexibilização da restrição (WIGGLESWORTH, 1992).

A busca pela definição de amadorismo foi inaugurada com a criação do COI e se estendeu por muitos anos. Por ocasião da segunda edição olímpica a questão da definição do amadorismo continuava pendente. Sem ela, segundo Coubertin, os problemas eram imensos provocados pela pluralidade de definições e sem uma definição única do amadorismo não haveria “progresso e prosperidade do esporte”. E, além disso, a presença dos profissionais – os impuros – precisaria ser impedida diante dos ideais (MÜLLER, 2015, p. 376-377).

Essa pluralidade de definições afetava e dificultava a participação dos trabalhadores nos Jogos Olímpicos especialmente até a parada da competição por conta da I Grande Guerra Mundial. Embora a presença dos trabalhadores, crescente em alguns esportes, representasse uma ameaça aos aristocratas ela não foi significativa exatamente porque a definição do amadorismo os mantinham afastados.

Os argumentos apresentados por Douglas (1966) de que o puro e o impuro se interligam e produzem, por sua vez, uma diferenciação social que coloca as pessoas em lados opostos: de um lado os indivíduos socialmente aceitos e de outro os marginais. Os aceitos seriam os puros e os marginais os impuros. Ao tomar essa relação para entender a estrutura olímpica os aceitos são a aristocracia e os marginais os trabalhadores. Além disso, a autora pontua que “a procura da pureza é sempre acompanhada pela rejeição” (p. 117). E, no caso olímpico, a rejeição aos trabalhadores em prol dos valores da aristocracia era evidente.

O tema do amadorismo foi novamente discutido por ocasião do Congresso de Bruxelas. Sob o título “Carta do Amadorismo” estabelecia o diálogo com itens publicados no primeiro Boletim Olímpico de 1894. Foram apresentados sete itens

sendo que todos possuíam algum comentário sobre o debate que estava instalado no COI⁵.

No Boletim seguinte uma carta de Coubertin apresentava um questionário que tinha como finalidade caminhar no sentido da unificação das regras, regulamentos e código utilizados nas competições. Um novo debate sobre o tema foi realizado no Congresso de Bruxelas?⁶ que, por sua vez, não ficou isento de crítica. Em de 1906, uma crônica não assinada foi relatado um caso de duas equipes que fariam uma partida. Não foi mencionada a modalidade, o país ou os clubes envolvidos. O acordo previa a divisão do valor arrecadado com a venda de ingressos entre os dois clubes. A partida, porém, não aconteceu e seus motivos não foram mencionados. O problema surgiu quando um dos clubes exigiu uma compensação por lucro perdido. O questionamento colocado na crônica era, apesar da lei permitir tal consideração, perguntava se tais argumentos poderiam ser usados pelo esporte amador.

O centro da crítica era direto em afirmar que tal ação era uma negação do amadorismo e que a preservação do amadorismo estivesse centrado no clube e, portanto, na coletividade para se opor, obviamente, ao atleta e sua condição individual. O lucro caberia ao clube e não ao atleta amador. Afirmava que o amadorismo não era um regulamento, mas um sentimento, um estado da alma. Em suma, defendia que o amadorismo não cabia em um regulamento porque suas dimensões transbordariam dessa condição.

A crítica recaía ao Congresso de Bruxelas que teve a oportunidade e não definiu os limites referentes ao amadorismo e profissionalismo. Ressaltava que um clube poderia fazer tal contestação por lucro perdido, mas que essa atitude o distanciava da condição amadora. Por fim, ressaltava que se era difícil estabelecer uma definição de amadorismo era menos difícil estabelecer o que era a condição de amador e de profissional⁷.

Um dos desdobramentos desse debate sobre o amadorismo aparecia no futebol. Para os Jogos Olímpicos de Estocolmo 1912 se questionou sobre a presença do futebol no programa olímpico⁸. O questionamento era a continuidade do debate, afinal, a popularidade do futebol já era grande e isso se refletia no número de praticantes e, conseqüentemente, revelava a presença dos trabalhadores (GIGLIO, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tensão entre manter o esporte restrito aos aristocratas ou permitir que, por meio de sua popularização mais pessoas pudessem praticá-lo foi o grande dilema de algumas modalidades. Enquanto o COI tentava, por meio da definição de amadorismo, impedir a presença dos trabalhadores outras experiências eram vivenciadas por algumas modalidades. É preciso destacar que o contexto da época a restrição de participação nos esportes também afetava as mulheres. A proposta

5 La charte de l'amateurisme. **Revue Olympique**, n. 1, janeiro de 1902, p. 14-16.

6 Congrès International de Sport Bruxelles 1903. **Revue Olympique**, n. 2, abril de 1902, s/p.

7 Chronique du mois. **Revue Olympique**, n. 2, fevereiro de 1906, p. 25-26.

8 Football. The inclusion of football in the programme of the fifth Olympiad. **The Olympic Games of Stockholm 1912 - Official Report**, p. 479-480.

deste trabalho foi trazer para o debate elementos do que está por trás da busca da definição de amadorismo. Como resultado pode-se identificar que a pureza seria a garantia de que os aristocratas, por meio das regras do amadorismo, não entrassem em contato com os trabalhadores, os impuros.

EL AMATEURISMO COMO FORMA DE ALEJAR LOS TRABAJADORES DE LOS JUEGOS OLÍMPICOS (1894-1912)

RESUMEN: El propósito de este trabajo es discutir cómo el Comité Olímpico Internacional (COI) ha tratado de evitar la participación de los trabajadores en los Juegos Olímpicos. Con este fin, se utilizó la búsqueda de la definición de amateurismo como una forma de segregar a los trabajadores de esta competición. Fue realizada una investigación documental en la colección del COI (1894-1912). Como resultado de la investigación se llegó a la conclusión de que en la búsqueda de la definición de amateur estaba presentela idea de la pureza (aristocracia) en oposición a impuro (trabajadores). PALABRAS CLAVE: Amateurismo; Trabajadores; Juegos Olímpicos.

THE AMATEURISM AS A WAY TO PREVENT WORKERS TO PARTICIPATE THE OLYMPIC GAMES (1894-1912)

ABSTRACT: The purpose of this paper is to discuss how the International Olympic Committee (IOC) sought to keep workers out of the Olympic Games. For this, the IOC used the definition of amateurism applied to the games as a way to segregate the workers from this competition. A desk research was carried out in the IOC collection (1894-1912). As a result of this research, one concludes that in the amateurism definition was present the idea of purity (aristocracy) as opposed to impure (workers). KEYWORDS: Amateurism; Workers; Olympic Games.

REFERÊNCIAS

- ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru-SP: Edusc, 2006.
- BLOCH, M. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo: Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu**. Lisboa: Edições 70, 1966.
- GIGLIO, S. S. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. 2013. 518 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MÜLLER, N. **Pierre de Coubertin (1863-1937) – Olimpismo: seleção de textos**. Lausanne, Porto Alegre: Comitê Internacional Pierre de Coubertin, EdiPUCRS, 2015.
- VINCENT, G. T. **‘Sports, and other signs of civilisation’ in Colonial Canterbury, 1850-1890**. 361 f. Tese (Doutorado em História), University of Canterbury, 2002.
- WAGG, S. ‘Base mechanic arms’? British rowing, some ducks and the shifting politics of amateurism. **Sport in History**, v. 26, n. 3, p. 520-539, 2006.
- WIGGLESWORTH, N.A history of rowing in the north west of England. **The International Journal of the History of Sport**, v. 3, n. 2, p. 145-157, 1986.
- _____. **A social history of English Rowing**. Oregon: Frank Cas, 1992.